

## MEU ENCONTRO COM A ALEGRE MENINA

Por Evandro Valentim de Melo

Guardo lembranças que resistem à avalanche de informações que a vida atual despeja. Ouvir determinadas canções importadas da infância, por exemplo, tem o poder de me transportar, de provocar imenso bem-estar. É até difícil descrever em palavras.

Muitos anos atrás, eu chegava aos doze anos de idade. Nada sabia sobre ditaduras militares, torturas, presos políticos e coisas assim. Recordo-me, contudo, dos avisos na tela da TV antes do início de cada programa, que em tom meio ameaçador, mas sem qualquer efeito prático, alertava sobre a programação imprópria à minha idade.

Adentrei à adolescência, acompanhado das inquietações comuns à faixa etária. Eu cursava o primeiro ano do ensino médio, e minha relação com a literatura, felizmente, não mais ocorria como em meus verdes anos, quando era obrigado a ler livros que pouco ou nada me diziam.

Quando eu mesmo e por vontade própria, passei a escolher o que queria ler, a relação de prazer com a literatura se estabeleceu de maneira intensa e jamais abrandou.

Muitos anos atrás, perto de minha escola havia o Instituto Nacional do Livro – INL; a primeira vez que adentrei àquela solo encantado, senti-me como que soterrado pela literatura de todo o mundo. Semelhante a efeitos especiais nos filmes cheios de tecnologia de hoje, parecia que eu enxergava os autores e as autoras daquelas obras a me chamar para conhecer seus escritos.

Obediente, com ‘espírito’ explorador, zigzagueei entre as diversas prateleiras, até me deparar com a imagem nebulosa de um senhor com cabelos e bigode grisalhos. Ele gesticulou apontando-me uma dentre tantas estantes do lugar.

Adotei-a à época. Foi assim que, guiado por algo semelhante à imagem holográfica do próprio escritor, conheci as obras de Jorge Amado.

Sem explicação plausível – não poderia ser diferente, afinal eu pisava em um solo encantado -, a canção ‘Alegre menina’, composta por Dori Caymmi ressurgiu em minhamente. Tal qual a força da gravidade exercida pelo astro-rei em relação aos planetas que a seu redor orbitam, meus olhos foram atraídos para certa lombada de um livro, na qual li ‘Gabriela cravo e canela’. Imediatamente, fui seduzido. Demo-nos as mãos. Aproximei-me de sua orelha e sussurrei o quanto a desejava. Gabriela, com um lindo e malicioso sorriso aquiesceu à minha vontade e ofereceu-me breve degustação. Bastou para eu me certificar que sairíamos dali juntos.

Rápido como quem furta, rumamos para local mais reservado. Eu,

ODISSEIA  
Literária

N.º 1, vol. 2, 2021

porém, necessitava realizar uma pesquisa, cujos pontos comporiam a nota bimestral na escola. História antiga e atualidades. Gabriela ficou ao meu lado, com aquele ar, ao mesmo tempo pudico e libidinoso.

Os encantos da bela morena protagonista sabotaram minha tentativa de concentração nos livros de História. De soslaio, ela me olhava e, sem dizer palavra, oferecia-se ao meu desfrute.

Que chances teriam os conteúdos que eu deveria me apropriar contra aquele espetáculo ao alcance de minhas mãos? Covardia com os textos sobre o surgimento das sociedades étnicas nos continentes africano e americano. O lindo sorriso de Gabriela venceu fátil reinos, impérios, confederações e civilizações descritas nos demais livros; os odores de cravo e de canela apaziguaram nações em guerra; os olhos de jaboticaba ofuscaram a estrela das Olimpíadas Nadia Comanecchi; a pele cor de jambo atraiu mais minha atenção do que a eleição de Jimmy Carter, nos Estados Unidos; Gabriela atenuou as consequências pelas mortes de Juscelino e, lá na China, a de Mao-Tse-Tung.

Não houve clemência. Gabriela venceu a tudo e a todos. Ganhou minha total atenção. Vitoriosa, conduziu-me à saída do INL sob olhares invejosos de escritores e escritoras consagrados de todos os lugares do mundo. Nenhuma trama composta por eles, naquele instante, pôde rivalizar com a bela história protagonizada por Gabriela.

Quantas outras paixões vivi desde aquele tempo...